



“Cada cidade precisa discutir seu modelo de desenvolvimento”

Flávio Ayres Amary
VICE-PRESIDENTE DE INTERIOR DO SECOVI (SINDICATO DA HABITAÇÃO)

economia@atribuna.com.br

Economia

Torres altas para a qualidade de vida

Prédios gigantescos têm forte oposição, mas analistas da construção acham que concentrar esses edifícios alivia, por exemplo, o trânsito



MARCELO SANTOS
DA REDAÇÃO

Comuns nos Estados Unidos há mais de um século, as torres gigantes se espalham freneticamente pelas grandes cidades do leste e sudeste da Ásia e no Oriente Médio. Elas também chegaram ao Panamá e Emirados Árabes. No Brasil, entretanto, influenciado pela Europa, elas ainda são tabu e vistas apenas como fruto da especulação imobiliária.

Porém, cresce entre os profissionais da construção civil a ideia de que a verticalização e o adensamento, que é a concentração de um número maior de pessoas num mesmo espaço, são uma boa solução para o inchaço das metrópoles.

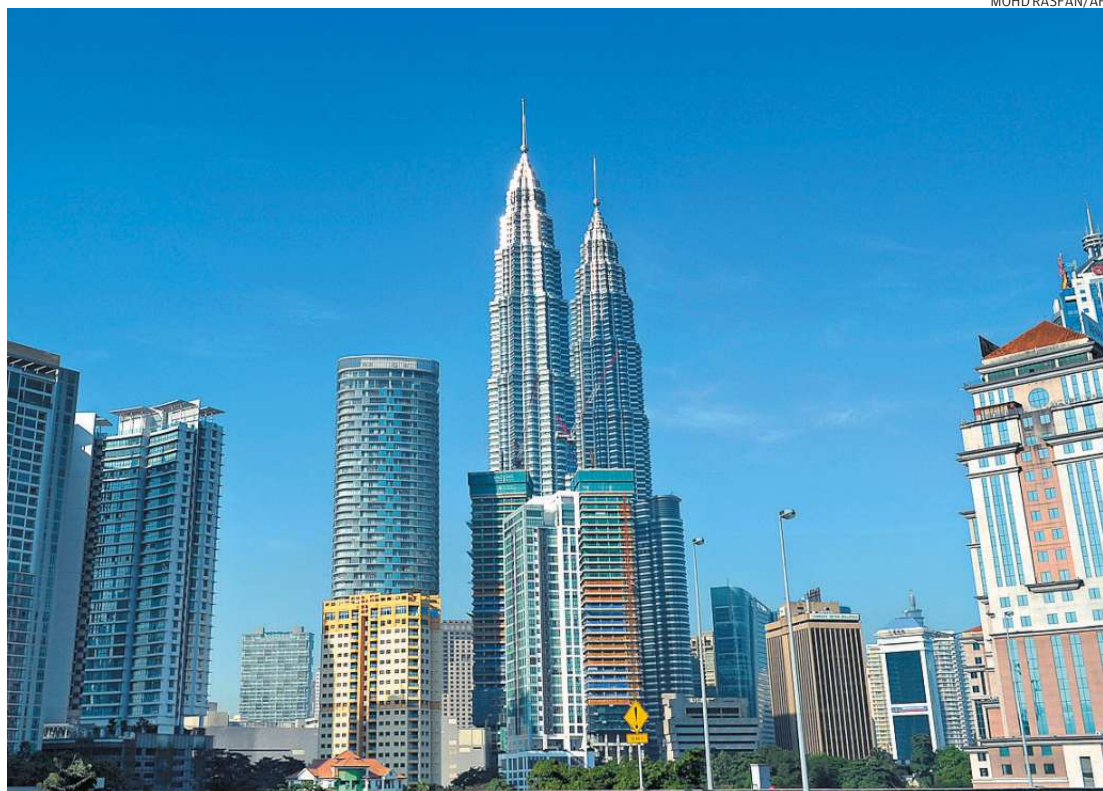
“Cada cidade precisa discutir seu modelo de desenvolvimento”, afirma o vice-presidente do Interior do Secovi, o Sindicato da Habitação, Flávio Ayres Amary, que se reuniu com construtores da Tribuna e foi recebido em A Tribuna

‘Sanhattan’

Com uma torre de 64 andares, o centro financeiro de Santiago, no Chile, é chamado de Sanhattan, em referência a Manhattan. Entretanto, a mesma expressão chamou a atenção dos internautas santistas da comunidade Brasil em Obras, do Skyscrapercity.com. Com muitas torres de quase 40 andares em Santos, um dos usuários batizou a Cidade de “Sanhattan”. A comparação com Manhattan já foi usada por urbanistas para mostrar que o alto custo do solo expulsará muitos santistas.

na pelo diretor-presidente Marcos Clemente Santini.

Amary afirma que a concentração de torres altas numa mesma região aproxima os moradores aos locais de trabalho e lazer, reduzindo os lon-



Centro de Kuala Lumpur, na Malásia, com torres gêmeas da estatal Petronas: Ásia tem grandes edifícios

gos deslocamentos. Consequentemente, cai o volume de investimentos que uma cidade precisa fazer em transportes e ficam mais agradáveis as hoje viagens estressantes que entopem o sistema

viário nos horários de pico. São Paulo, por exemplo, não copiou o exemplo das grandes cidades americanas e poucos prédios passam dos 35 andares. Mas as torres se espalham por todos os cantos.

Chicago, que tem quase 10 milhões de habitantes em sua região metropolitana (São Paulo tem mais que isso só na Capital, sem considerar a metrópole), concentra suas várias torres acima de 50 e até mais de

100 andares no Centro. Nessa área central de Chicago, há uma incrível infraestrutura, inclusive subterrânea, que estimula o deslocamento de moradores e trabalhadores a pé ou permite chegar rapidamente aos subúrbios. Fora da região central, a cidade é plana.

Segundo Amary, o centro de Los Angeles se renovou e ganhou prédios de 50 a 70 andares. “Nos anos 1980 não dava para andar pelo centro. Hoje dá para sair a pé”.

ÁSIA

Ele lembra ainda que Taipé, em Taiwan, tem edifícios acima de 80 andares. O mesmo é verificado nas cidades chinesas, na Malásia e até no Oriente Médio – em especial nos Emirados Árabes.

É provável que o título de maior torre do mundo se mude para a Arábia Saudita, que pode ganhar uma construção de um quilômetro de altura.

Enquanto isso, São Paulo, que não tem torres gigantes, está ocupada por prédios do Centro às periferias, obrigando deslocamentos infernais pelo trânsito constantemente congestionado.

Artigo

DE ANTONIO DELFIM NETTO*



Mais qualidade

No momento em que se confirmam as indicações de ligeira aceleração da atividade econômica, permitindo estimar um crescimento do PIB de 3% para os próximos 12 meses, multiplicam-se também as análises pessimistas apoiadas no fraco desempenho da indústria e do setor de serviços no primeiro trimestre do ano, projetando um índice de crescimento anual inferior a 2%.

Trata-se de um exagero porque no mês de abril houve forte reação do setor industrial, reforçando a estimativa de maior crescimento para os meses seguintes.

Já há algumas indicações de que o nível de atividade tenha melhorado no segundo trimestre. O índice do Banco Central - IBC-Br - de abril/março cresceu 0,84%, estimulado pela recuperação do setor industrial que provavelmente não se repetirá em maio/abril.

Parece, no entanto, confirmarem-se as expectativas do BC (e de alguns analistas de mercado) que a expansão no segundo trimestre com relação ao primeiro será um pouco maior do que 0,6%.

Se o Brasil tiver um crescimento, na média, de 0,7% nos próximos três trimestres, a economia pode ter a possibilidade de um crescimento do PIB de 2,7% em 2013. Revelando uma expectativa de aceleração da atividade, a estimativa do Banco Central do desempenho do

PIB para os próximos 12 meses entre abril deste ano e março de 2014 é de expansão de 3% da economia.

É um crescimento ainda baixo, mas é preciso não esconder que ele se realiza enquanto a economia mundial continua muito complicada, sem dar sinais confiáveis de recuperação.

Um grande número de países, tradicionais parceiros do intercâmbio de mercadorias e cujas empresas participam com investimentos em nossos projetos de desenvolvimento tem suas economias ainda em recessão, sem poder retomar as importações de produtos brasileiros.

As limitações que tolhem a expansão do intercâmbio comercial afetam profundamente o crescimento de nossa economia, pois desestimulam investimentos que poderiam ampliar o parque industrial e o desenvolvimento do agronegócio voltado para as exportações, além da necessária expansão da infraestrutura.

Não há justificativa, no entanto, para a criação de expectativas pessimistas quanto ao comportamento de nossa economia. Nem mesmo os movimentos que buscam as ruas para protestar contra a má qualidade dos serviços públicos essenciais devem alimentar tais sentimentos.

Como dizem os economistas, são uma “emergência”, em que a acumulação de pe-

quenas mudanças quantitativas dá nascimento espontâneo a mudanças qualitativas.

É preciso ver essas reivindicações com naturalidade. Elas são uma coisa nova, que reivindica não apenas mais

quantidade de serviços, mas, sim, a sua transformação em qualidade. O problema não é o que os governos fizeram. É o que eles não fizeram e ainda não estão fazendo.

O governo tem tomado

medidas que apesar de produzirem ruídos no curto prazo vão todas na direção de aumentar a produtividade total da economia no prazo médio, o que significa que estamos nos prepa-

rando fisicamente para acelerar no futuro a taxa de crescimento.

*PROFESSOR EMÉRITO DA FEA/USP. DELFIM NETTO É EX-MINISTRO DA FAZENDA, DA AGRICULTURA E DO PLANEJAMENTO. E-MAIL: CONTACTODELFIMNETTO@TERRA.COM.BR

Auuu au auuuu!
Auu au u auuu auuu auuuuu auuu
auu auuuuu auu auuuuuuu
auu auuu a auuuuu.

Auu: A au auuuuu.
Auuuuuu: auu AUuAU au AUuUU.
Auuu au Uuu auuu au uuuu U a U au auuu
au auuuuu au Auuuu.
Auu auuu auuu U auuuu u Auuuu Auuuu au
Auuuu u auuuu au auuuu.

9ª CAÇÃO MINHA TV TRIBUNA